

As entrevistas jornalísticas no campo político em telejornais: estudos e reflexões ¹

Maria Elisabete ANTONIOLI ²

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

A entrevista é uma importante ferramenta utilizada no jornalismo e, nos períodos eleitorais, ganha mais destaque ainda, pois há uma busca ininterrupta de informações sobre as propostas de candidatos e, principalmente, quando essa busca se refere aos que concorrem à presidência da República. Jornais, telejornais, noticiários de rádio e web e outros programas tentam trazer candidatos para serem entrevistados com o objetivo de oferecer informações para que o público conheça melhor suas propostas de campanha. Nessa perspectiva e, diante da proximidade das eleições presidenciais no Brasil, este artigo discute a entrevista jornalística no campo político a partir de uma revisão da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: entrevista; eleições; candidatos; jornalismo.

ENTREVISTA JORNALÍSTICA – UMA REVISÃO DA LITERATURA

A entrevista jornalística pode ser observada e discutida por diversos aspectos. Como formato de um gênero jornalístico, sob uma perspectiva histórica, por meio de classificações de modelos, como uma prática do jornalismo tendo em vista o interesse público e outros ângulos, alguns deles destacados nesta revisão da literatura. Contudo, independente de características, a entrevista jornalística, técnica amplamente utilizada pelos profissionais da imprensa, tem como objetivo divulgar informações sobre determinado assunto, por meio do entrevistado.

O professor Luiz Beltrão (1969) lembra que a entrevista surgiu em 1836, quando James Gordon Bennet, que foi o criador da imprensa popular nos Estados Unidos, publicou declarações textuais de uma mulher que havia descoberto um assassinato. Luiz Costa Pereira Junior (2006) diz que o assassinato ocorreu em um bordel e a proprietária,

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Coordenadora e professora do curso de Jornalismo da ESPM-SP, e-mail: elisabeteantonioli@hotmail.com.

Rosina Townsend, foi testemunha-chave. Para o pesquisador, essa entrevista foi um marco pois envolveu personagens que a sociedade da época gostaria de esquecer e também porque levantou pistas que mudaram o rumo do caso.

A respeito de perguntas e respostas, ou seja, a entrevista pingue-pongue, Beltrão (1969) comenta que foi utilizada pela primeira vez em 1859 pelo repórter Horace Greeley ao entrevistar o fundador da igreja mórmon para o New York Tribune.

Outro jornalista norte-americano, Joseph McCullagh – do “Globe Democrat”, de St. Louis – adotou a técnica da entrevista, posteriormente, e com tanta frequência que ainda hoje é considerado por muitos historiadores da imprensa como criador do gênero (BELTRÃO, 1969, p. 175).

A entrevista, como prática jornalística, de acordo com Fernanda Mauricio da Silva (2013), ocorreu em paralelo à profissionalização dos repórteres. Em relação aos programas televisivos de entrevistas norte-americanos, a pesquisadora recorre a Clayman e Heritage (1999) que afirmam que os primeiros surgiram com base no modelo das entrevistas coletivas já praticadas pelos representantes da Casa Branca. Para a autora:

A entrevista é um formato do jornalismo constantemente associado a valores como interesse público, vigilância e objetividade. Na televisão, ela parece assumir contornos ainda mais evidentes de qualidade de apuração e busca por uma informação mais aprofundada (Mauricio da Silva, 2013, p. 2).

No jornalismo contemporâneo a entrevista, que tem como elo as presenças do entrevistador e do entrevistado, exerce um papel fundamental, com o objetivo difundir informações e auxiliar a sociedade a construir seu próprio conhecimento a respeito de um determinado tema.

De acordo com Marques de Melo (2009), a entrevista faz parte do gênero informativo e, Lailton Alves da Costa (2010, p. 55), por sua vez, tendo em vista essa classificação publicou:

Relato que informa a versão de um ou mais protagonistas dos acontecimentos. Não se confunde com técnica de “apuração” dos fatos. Configura uma espécie de relato de alteridade, dando “voz” aos “agentes” da cena jornalística. O repórter assume a função de “mediador”, assumindo empaticamente o papel de intérprete do receptor.

Para melhor ilustrar certas particularidades da entrevista jornalística, seguem as classificações elaboradas pelos estudiosos: Juarez Bahia (1990), Nilson Lage (2001), Mário Erbolato (2003) e Luiz Costa Pereira Junior (2006).

Juarez Bahia (1990) divide a entrevista em:

1. Opinião ou ideias (quando veicula pontos de vista, posições políticas ou filosóficas, impressões pessoais).
2. Ilustração (quando recorre a considerações onde prevalecem a descrição ou a biografia).
3. Grupal ou enquete (quando segue o método da consulta ou reflete a opinião de vários entrevistados a um mesmo tempo).
4. Testemunhal ou depoimento (quando se baseia em experiências pessoais ou expõe argumentos técnicos).
5. Coletiva (quando segue uma organização preestabelecida e reúne vários veículos).
6. Exclusiva (quando resulta de uma ação isolada do veículo).

Nilson Lage (2001) classifica a entrevista em:

1. Ritual (brevíssima, feita em pé para coletar uma declaração).
2. Temática (em que a fonte fala sobre um assunto que domina).
3. Testemunhal (quando o tema da entrevista é algo que a fonte testemunhou).
4. Em profundidade (cujo foco está na figura do entrevistado).

Mário Erbolato (2003) apresenta quatro aspectos da entrevista:

1. Como geradoras de matéria jornalística: a. de rotina, e, b. caracterizadas.
2. Quanto aos entrevistados: individual, e de grupos (subdivididas estas últimas em enquete e de pesquisa).
3. Quanto aos entrevistadores: a. pessoal (ou exclusiva), e b. coletiva (podendo a última subdividir-se em conferências de imprensa e *pool*).
4. Quanto ao conteúdo: a. informativa, opinativas e ilustrativas ou biográficas.

O pesquisador salienta, ainda, que se tornaram comuns as mesas redondas, que são encontradas sob diversos aspectos: entrevistas caracterizadas, individuais ou em grupo, coletivas, informativas e opinativas.

Luiz Costa Pereira Junior (2006) menciona quatro formas mais significativas de entrevistas, no caso de textos:

1. Com perguntas e respostas;
2. Com trechos em primeira pessoa e títulos a nomear os temas falados pelo entrevistado;
3. Num texto corrido todo em primeira pessoa;
4. Num texto corrido com citações entre aspas.

Beltrão (1969, p. 175) define a entrevista “como uma técnica de obtenção de matéria de interesse jornalístico por meio de perguntas a outrem”. Para o autor, na entrevista, “misturam-se a provocação do jornalista e a sua força descritiva com a reação e os comentários do entrevistado, nas réplicas às questões formuladas.”

Conforme Bahia (1990, p. 59), a entrevista se constitui na base do noticiário jornalístico em qualquer que seja a mídia. “Para realizá-la o repórter precisa dialogar, ver, sentir, questionar, provocar, registrar, ouvir, discordar quando for preciso. Entrevistar, não é, portanto, apenas anotar o que o interlocutor tem a dizer.”

Erbolato (2003) diz que a entrevista é um gênero jornalístico em que necessita de técnica e capacidade profissional, pois se não for bem conduzida resultará no fracasso do profissional. Nessa perspectiva, é fundamental observar que o jornalista precisa estar bem preparado para que tenha um bom desempenho perante o entrevistado. O profissional deve pesquisar sobre o assunto a ser tratado na entrevista, bem como o perfil do entrevistado para que possa conduzir a conversa com propriedade. Além de formular as perguntas pautadas, deve criar outras em função das próprias respostas que receber, pois é o jornalista que deve conduzir a entrevista o tempo todo, como observa Erbolato. Ainda a respeito da condução da entrevista, Bahia (1990) aponta que o profissional deve ter senso suficiente para conduzir o diálogo nos limites do interesse humano. Outra questão que o pesquisador alerta se refere à comunicação silenciosa na entrevista: gestos, olhar, atitudes, tom de voz, de outros aspectos que devem ser explorados pelo entrevistador. Em concordância com o autor, Cremilda Medina (2008) diz que a entrevista ao vivo é insubstituível, pois pela internet não é possível captar gestos, cores, paladares.

ENTREVISTA JORNALÍSTICA NO CAMPO POLÍTICO EM TELEJORNAIS

No caso da entrevista no campo político, deve ser observado que o diálogo ocorre em um espaço complexo de jornalismo e de política em que confrontos e tensionamentos podem ocorrer e o candidato estará munido de estratégias de campanha, além da utilização de persuasão com objetivos de convencimento por meio das informações que transmitirá. Os candidatos se colocam frente ao entrevistador preparados por assessores de *media training* que os auxiliam na construção imagem e no contato com a imprensa, além da preparação para entrevistas, evidentemente.

Marizandra Rutilli e Rejane de Oliveira Pozobon (2016, p.8), afirmam que “a entrevista política coloca à disposição da opinião pública uma série de julgamentos de análises que justifiquem o engajamento do entrevistado”. Assim, o profissional requer preparação e, como afirma Ana Estela de Souza Pinto, (2009), antes da entrevista é preciso pesquisa, observação e documentação. Contudo, deve ser lembrado que, conforme Ana Teresa Alves Malta e Thaís de Mendonça Jorge (2016) esse diálogo entre os dois sujeitos não é livre, pois um tem o direito de perguntar e o outro de ser escutado. Então, a relação é assimétrica e a voz mais importante é a do entrevistado, pois é ela que deve chegar ao público.

Na relação entre o jornalista e o político Emanuel Barreto (2006, p. 12) diz:

A convergência entre jornalista e político ocorre em função de que tanto um lado quanto o outro acredita que a publicização de um acontecimento é a melhor maneira para que se demonstre que cada um cumpriu com o seu papel: o político em sua função de personagem da notícia, o jornalista como agente que relata o que se passou no cenário do poder.

Segundo o pesquisador, historicamente o relacionamento entre jornalismo e política é polêmico, pois está permanentemente envolto em circunstâncias de pressões, contrapressões de bastidores e nos interesses econômicos das empresas jornalísticas que, ao mesmo tempo, necessitam informar bem, pois o público quer afirmações e rejeita os meios termos.

Thaís Oyama (2009) diz que uma entrevista pode tomar rumos diferentes dependendo das razões que o jornalista tem quando procura o entrevistado. Assim, observa-se que a intenção do entrevistador é determinante para o caminho que a entrevista deve seguir, pois pode ter um cunho mais pessoal, ou um caráter profissional, político e outros mas, de toda forma, o profissional deve estar preparado suficientemente para fazer a entrevista, pois não se trata apenas da técnica, mas do conhecimento sobre o assunto tratado e de sua postura frente ao entrevistado, como já foi mencionado anteriormente.

Nessa perspectiva, é interessante abordar o artigo de Fernanda Cavassana de Carvalho (2015) que analisou as entrevistas realizadas pelo Jornal Nacional aos principais candidatos à Presidência da República do Brasil em 2014. De acordo com a autora, os apresentadores do Jornal Nacional cumpriram a cobertura proposta que era a de abordar os temas polêmicos das candidaturas e também confrontar os candidatos com o seu desempenho em cargos públicos. Tendo em vista a função social do jornalismo, a autora

afirmou que faltou dar preferência ao que é de interesse público, ou seja, faltou a oportunidade para debater com os candidatos as questões que mais preocupavam os brasileiros, bem como questionar mais os programas de governo propostos na campanha.

Outra constatação da pesquisadora:

O predomínio dos temas ético-moral e político-partidário é outro indicativo que reforça a preferência por desqualificar o candidato. Percebe-se, com essas considerações, um posicionamento do telejornal com a pretensão de deslegitimara posição do político e candidato perante o veículo de comunicação que o questiona e o julga (CAVASSANA DE CARVALHO, 2015, p. 23).

Afonso de Albuquerque (2013) discutiu, em seu artigo, a primeira rodada de entrevistas também do Jornal Nacional com os três candidatos mais bem colocados nas pesquisas durante a campanha eleitoral de 2010. Em todos os casos os entrevistadores exploram aspectos potencialmente problemáticos, que indicariam possíveis fragilidades inerentes às diversas candidaturas, de modo a obrigar os entrevistados a se defenderem (ALBUQUERQUE, 2013, p.13).

O pesquisador concluiu em seu estudo a respeito das entrevistas feitas por Willian Bonner e Fátima Bernardes aos candidatos à presidência da República, em 2010, que:

Longe de se apresentarem como meros intermediários “neutros” e “objetivos” entre cidadãos e autoridades políticas, os entrevistadores do Jornal Nacional reivindicam para si um status político (mas não partidário): o de representantes por excelência do interesse popular (ALBUQUERQUE, 2013, p. 21-21).

Albuquerque afirmou, também, em sua pesquisa, que os entrevistadores se esforçaram para controlar as entrevistas, reduzindo a autonomia dos entrevistados para exporem suas respostas.

Cabe aqui a observação de Wilson Gomes (2012, p.11) a respeito do que se espera da autoridade do jornalista nesse momento:

O telejornal não leva a entrevista eleitoral para a sua bancada apenas para dizer que, como não filtrou o que o candidato está dizendo, o espectador tem agora uma relação direta com o que o político pensa e quer. Mais que isso, espera-se que o jornalista use a sua autoridade para: (a) fazer questões que permitam ao público obter do político toda a informação política necessária para uma decisão eleitoral qualificada; (b) impedir que o político manipule a audiência com respostas inconclusivas ou falsas, informações distorcidas sobre si ou sobre os adversários ou simplesmente produza mais propaganda.

Wilson Gomes conclui que nos telejornais as entrevistas se constituem em uma arena de competição entre jornalismo e política. Diante dessa questão, Ana Carolina Rocha Pessôa Temer (2011) diz que a cobertura política dos telejornais não é fácil de ser analisada, pois é uma relação de altos e baixos, inclusive com situações desastrosas do ponto de vista da ética jornalística, mas que, por outro lado, incluem tentativas de buscar o acerto, a imparcialidade e outros valores do jornalismo.

Os autores destacados nesta última parte do trabalho afirmam, em consenso, a complexidade existente nas entrevistas realizadas no campo político em telejornais. Momentos de tensão, confrontos e questões inesperadas devem ser esperados durante essa apresentação que, a princípio, tanto o entrevistador como o entrevistado têm suas falas programadas e moverão todos os esforços para ganhar a credibilidade do público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a revisão da literatura elaborada e os exemplos selecionados para reflexão a respeito das entrevistas dos candidatos à presidência da República nos anos de 2010 e 2014 concedidas ao Jornal Nacional da TV Globo, é possível asseverar que nesses momentos entrevistador e entrevistado se encontram em um espaço de relação de poder no qual a argumentação será um ponto fundamental no diálogo previsto. Os protocolos jornalísticos são seguidos, mas há casos em que deixam a desejar em relação ao que se espera do jornalista.

O espaço para as entrevistas com candidatos é essencial para que o público tenha melhores condições de definir seu voto e, nessa perspectiva, reitera-se a importância do preparo do jornalista para esse momento, em todos os sentidos, quer seja no conhecimento e seleção dos assuntos a serem tratados, como também, na necessidade de que o interesse público esteja acima de tudo. É o que se espera do profissional que tem a oportunidade, no período de disputa eleitoral, de mostrar sua competência técnica e de mostrar a importância dos valores do jornalismo, sua contribuição à sociedade e colaboração para a manutenção da democracia. Como afirmou Ana Carolina Rocha Pessôa Temer (2011) já ocorreram situações desastrosas assim como acertos. Então, os profissionais da imprensa precisam ir em busca dos acertos que se traduzem em ética, imparcialidade, objetividade e demais valores do jornalismo que são tratados na formação do aluno nos cursos e devem acompanhá-lo na sua vida profissional.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso de. Em nome do público: jornalismo e política nas entrevistas dos presidentes ao Jornal Nacional. **E-compós**. V.16, n.2, maio./ago. 2013. Disponível em: <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/813/661>. Acesso em: 5 jul. 2022.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARRETO, Emanuel. Jornalismo e política: a construção do poder. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Vol. III, n. 1.1º sem. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2238/1937>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BELTRÃO, Luiz. **A Imprensa Informativa**. São Paulo: Editor Folco Masucci, 1969.

CARDOSO, Vivianne Lindsay; CARVALHO, Juliano Maurício de. A TV Cultura e seu papel no processo de implantação da multiprogramação no Brasil. **Cadernos de Comunicação**. Universidade Federal de Santa Maria. V. 20, n.1, jan. abr. 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/cristinamgomes,+ilovepdf_merged%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/cristinamgomes,+ilovepdf_merged%20(1).pdf). Acesso em: 02 mai. 2022.

CAVASSANA DE CARVALHO, Fernanda. Mídia e Eleições: as entrevistas do Jornal Nacional aos candidatos à presidência do Brasil em 2014. **Aurora: revista de arte, mídia e política**. São Paulo, v.7, n.21, out.2014-jan.2015.

ERBOLATO, Mario. **Técnicas de codificação em jornalismo: Redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 2003.

GOMES, Wilson. Entrevistas com candidatos a presidente transmitidas “ao vivo” em telejornais: o modelo teórico-metodológico da mediação jornalística. **Revista Compolítica**. Vol. 2, n. 2, ed. jul-dez, ano 2012. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/Entrevistas_com_candidatos_a_presidente.pdf. Acesso em: 5 jul. 2022.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MALTA, Ana Teresa Alves; Jorge, Thaís de Mendonça. Proximidade e afastamento: reflexões sobre técnicas de entrevista em tempos de internet. **Leituras do Jornalismo**. Ano 03. Volume 02 Número 06. Jul.-dez. 2016.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. V. 39, n. 1, jan.-abr. 2016.

MAURICIO DA SILVA, Fernanda. Entrevista no telejornalismo: configurações históricas da vigilância em programas de entrevista. In: **Rumores**. V. 7, n. 14, jul.- dez. 2013.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. São Paulo: Contexto, 2009.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: Métodos de investigação na imprensa. Petrópolis: Vozes, 2006.

RUTILLI, Marizandra; POZOBON, Rejane de Oliveira. **Campanha eleitoral e jornalismo político no rádio**: estratégias argumentativas em entrevistas e debates.

Disponível em:

https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/513/2016/09/portalintercom.org_br_anais_nacional2016_resumos_R11-0510-1.pdf. Acesso em: 28 jun.2022.

SOUSA PINTO, Ana Estela de. **Jornalismo Diário**. São Paulo: Publifolha, 2009.